

VIDA E ÉPOCA DE MICHAEL K: UM RELATO DA PRECARIEDADE HUMANA

LIFE AND TIMES OF MICHAEL K: AN ACCOUNT OF HUMAN PRECARIOUSNESS

Sandra Venancio Kezen Buchaul*

Resumo

A busca desenfreada e incessante pela fazenda onde sua mãe nascera e o sonho de um pedaço de terra para plantar e colher, que fosse só seu, levam Michael K numa migração e num auto-exílio por uma África desumana e cruel, pós-apartheid, em que a instabilidade, a exclusão e a miséria parecem reinar. Negro, pobre, lerdo da cabeça e rejeitado por uma deformidade física que afasta as pessoas desde sua infância, ele é o próprio refúgio humano, que representa as vidas desperdiçadas, as vozes silenciadas, os indesejados e solitários que a sociedade deseja apagar. Sua dificuldade de comunicação é na verdade o resultado do exercício de silenciamento a que ele foi forçado desde o nascimento. Embora sofrendo processos de desterritorialização, de desidentificação e de animalização, ele não abandona o sonho inicial. A precariedade de sua linguagem reflete a precariedade de sua própria vida, uma luta sem fim e contra a qual a única coisa que o defende parece ser a sua capacidade de viver à margem, invisível como o desejam.

Palavras-chave

Auto-exílio. Exclusão. Vozes silenciadas. Precariedade. Solidão.

Abstract

The unbridled and unremitting search for the farm where his mother was born and the dream of a piece of land of his own for planting and harvesting lead Michael K in migration and in self-exile through a cruel and inhuman Africa, post-apartheid in which instability, exclusion and poverty seem to rule. Black, poor, slow in the head and rejected due to a physical deformity that keeps people away from him since his childhood, he is the very human refuse, that represents wasted lives, their silenced voices, the unwanted and lonely which society wants to delete. His difficulty in communicating is actually the result of the exercising of silence which he was forced from birth. Although suffering processes of deterritorialization, of disidentification and animalization, he does not abandon the initial dream. The precariousness of his language reflects the precariousness of his own life, an endless struggle and against which the only thing that seems to defend him is his ability to live on the margins, invisible as people want him to be.

Key words

Self-exile. Exclusion. Silenced voices. Precariousness. Solitude.

* Mestre em Cognição e Linguagem pela UENF. Doutoranda em Literatura Comparada pela UFF. Instituição de origem: IFF

Introdução

A plantação para a qual você está indo agora está em nenhum lugar e em todo lugar, menos nos campos. Ela é outro nome para o único lugar onde você se integra, Michaels, onde você não se sente sem teto. Está fora de todos os mapas, nenhuma estrada que seja só uma leva até ela, e só você sabe o caminho” (COETZEE, p. 198).

O cenário deste livro de Coetzee é mais uma vez sua África – amada e odiada – que jamais é esquecida em suas narrativas. Uma África em que corrupção e autoritarismo convivem com miséria e fome, em meio à guerra civil que devastou tanto as cidades como o interior do país. Uma África cuja devastação se estende à destruição das vidas narradas e reflete mesmo o desamparo em que vivemos, numa época em que viver é por si só uma aventura. *Vida e época de Michael K* é praticamente uma epopéia dos tempos modernos, contudo, diferentemente da epopéia, que narrava feitos heróicos de um povo, Coetzee narra a vida difícil de um homem muito simples, simplório mesmo. Seu personagem principal, Michael, em sua aparente simplicidade, apresenta mais complexidade do que podemos imaginar. Negro, lerdo da cabeça, deformado por um lábio leporino, Michael K tem tudo para ser um anti-herói, em nada lembrando o herói épico, quase sempre altivo e astuto. No entanto, sua luta para chegar à fazenda onde sua mãe havia nascido tem algo de sublime pela resiliência com que encara os obstáculos em sua caminhada por uma África desumana e cruel, retrato do caos, abalada pela desordem e pela desregulamentação, conseqüências da guerra. Originário de um mundo em que a instabilidade, a exclusão e a desesperança parecem reinar, Michael encarna de forma muito particular a epopéia de nosso tempo. Seu principal talento, talvez, seja sua capacidade de viver à margem, como “um artista da fuga”, numa sociedade que o deseja invisível de fato.

Marcado por uma condição social subalterna desde o nascimento, Michael segue seu caminho sempre solitário, no país do *apartheid*, vivenciando a opressão de um regime autoritário. Com a doença da mãe aliada às dificuldades da vida na cidade, Michael decide levá-la de volta à terra onde nascera. Sem condição nem dinheiro, ele improvisa um veículo a partir de um carrinho de mão, que lhe permite carregar sua mãe pelo interior da África, numa imagem da precariedade

que reflete suas vidas. Quer se firmar como sujeito de sua própria existência num Estado extremamente autoritário, que quer o controle absoluto sobre tudo, tirando a liberdade do povo.

Porém, não nos enganemos: se inicialmente pensamos que o texto será piegas ou derramado, o estilo enxuto de Coetzee nos libera desse tipo de leitura. A primeira parte do livro é narrada em 3ª pessoa, com distanciamento do narrador. Mais uma vez ele estabelece uma novidade: a primeira e a terceira partes do texto são narradas por esse narrador onisciente, enquanto a segunda parte é narrada pelo médico, essa sim em primeira pessoa. A história de Michael K é melhor narrada pelo médico do campo de reabilitação, que possui o que ele não possui: a eloquência, o dom da palavra. Este médico acredita que apenas ele consegue entender Michael a fundo, o que ele é e como ele é, como conseguiu sobreviver à guerra, à fome, à miséria e à solidão. Michael é um sobrevivente. A precariedade de sua linguagem remete à precariedade de sua vida, uma vida sem pertencimento, em constante busca por algo que não encontra.

O autoritarismo do Estado

O autoritarismo está presente em todo o texto, ora no abuso de poder dos soldados que xingam e batem em Michael, ora na violência que ele sofre desde menino, obrigado que foi a viver afastado do convívio social devido a sua deformidade física.

Contudo, num Estado como aquele, o silêncio é um dom precioso, sendo talvez um dos fatores que o ajudaram a sobreviver naquele mundo que o excluía e que o rejeitava. De fato, fora rejeitado por sua mãe a partir do momento em que foi encaminhado para o Huis Norenus, instituição que recolhia os indesejados, a quem considerava “seu pai”:

... e meu pai foi Huis Norenus. Meu pai foi a lista de regras na parede do dormitório, as vinte e uma regras cuja primeira era [Haverá silêncio nos dormitórios em todos os momentos], e o professor de marcenaria que não tinha alguns dedos, que torcia minha orelha quando a linha não estava reta, e as manhãs de domingo, quando púnhamos nossas camisa cáqui e nossos calções cáqui e nossas meias pretas e nossos sapatos pretos e marchávamos de dois em dois para a igreja em Papegaai Street

para pedir perdão. Esses foram meus pais, e minha mãe esta enterrada e ainda não subiu. (COETZEE, p. 122-123).

O autoritarismo que vivenciou em Huis Norenius, reflexo de uma sociedade autoritária e tirana, aliado à fome que também ali experimentara, marcaram-no profunda e definitivamente:

Quando era criança, K havia passado fome, como todas as crianças do Huis Norenius. A fome os havia transformado em animais, que roubavam do prato dos outros e escalavam o depósito da cozinha para fuçar as latas de lixo em busca de ossos e cascas. Depois, cresceu e a carência passou. Fosse qual fosse a natureza da fera que bramis dentro dele, tinha sido emudecida pela fome (COETZEE, p. 82).

Bauman se refere aos excluídos como “redundantes” (BAUMAN, p. 20), considerados um problema financeiro. Acrescenta que a idéia de ajudar permanentemente essas pessoas é apenas um aspecto da questão, sendo o outro, o para aonde levar essas pessoas, o mais importante, talvez essencial, pois não há, em nossas sociedades, um lugar específico para este “refugio” humano. O destino do refugio é o depósito de dejetos, o monte de lixo (BAUMAN, p. 20), mas o destino do refugio humano não pode ser o mesmo:

Esses homens e mulheres que não apenas perderam seus empregos, mas também seus projetos, seus pontos de orientação, a confiança de terem o controle de suas vidas, mas também se viram despidos de sua dignidade como trabalhadores, da auto-estima, do sentimento de serem úteis e terem um lugar social próprio (BAUMAN, p. 22).

Para aonde, então, levá-los? Na verdade, *“removemos os dejetos da maneira mais radical e efetiva: tornando-os invisíveis, por não olhá-los, e, inimagináveis, por não pensarmos neles”* (BAUMAN, p. 38).

O “apagamento” dessas pessoas, socialmente, moralmente, psicologicamente e verdadeiramente faz parte do exercício do autoritarismo de um Estado que esconde essas pessoas em campos de reassentamento ou de reabilitação. Um dos internos do campo de assentamento, Robert, diz a Michael K que as pessoas

queriam “que o campo ficasse a quilômetros” de distância, “longe das vistas” (COETZEE, p. 97), para que os habitantes pudessem chegar e sair como fantasmas, isto é, invisíveis a todos. Existe, então, de fato, desse Estado, uma intenção de esconder essas pessoas (os “internos”, talvez melhor definidos como “prisioneiros” dos campos) para que não atrapalhem a vida dos outros, os que estão fora dos campos, trabalhando e contribuindo para o progresso do país. Num país onde impera a guerra e o desemprego cresce, esses internos são usados – ou melhor, explorados – como força de trabalho desassalariada, podendo apenas fazer sua refeições nos campos com a condição de que trabalhem. Referindo-se à corrupção das autoridades, Robert afirma que há pessoas favoráveis à existência dos campos, como os donos da Estrada de Ferro, como os fazendeiros, enfim, as pessoas que se beneficiam do trabalho praticamente escravo dos internos, aqueles que lucram com isso, os poderosos que querem ficar cada vez mais ricos, fazendo muito pouco ou quase nada, tendo quem faça por eles.

Ainda segundo Bauman,

do ponto de vista da lei, a exclusão é um ato de auto-suspensão. Isso significa que a lei limita sua preocupação com o marginalizado/excluído para mantê-los fora do domínio governado pela norma que ela mesma circunscreveu. A lei atua sobre essa preocupação proclamando que o excluído não é assunto seu. Não há lei para ele. A condição de excluído consiste na ausência de uma lei que se aplique a ela (BAUMAN, p. 43).

No entanto, Michael sofre o poder da lei quando é levado para os campos e tem que permanecer lá. Ele chega até a pedir que um dos guardas vire as costas para não vê-lo fugir, mas este o avisa que vai matá-lo se ele realmente pular a cerca do campo (COETZEE, p. 101).

O modelo típico de pessoa excluída, segundo Bauman, é oferecido pelo *homo saucer*, categoria do antigo direito romano estabelecida fora da jurisdição humana sem ser trazida para o domínio da lei divina. A vida de um *homo saucer* é desprovida de valor, seja na perspectiva humana ou divina. Matar um *homo saucer* não é um delito passível de punição, mas sua vida não pode ser tirada num sacrifício religioso. Privada da significação humana e divina que só a lei pode conferir, a vida do *homo saucer* é inútil. Matar um *homo saucer* não é crime

nem sacrilégio, mas, pela mesma razão, não pode ser uma oferenda. Ou seja, são homens cuja vida não vale nada, são os esquecidos pelo sistema, pelo Estado.

Contudo, esses homens cuja vida vale muito pouco ou mesmo nada, homens que trabalharam toda uma vida, agora considerados pessoas supérfluas, perigosas, de fácil descarte, os naufragos da sociedade moderna, os migrantes econômicos, são pessoas em busca de asilo que representam o refugio humano, os indesejados, que provocam raiva e ressentimento com seus hábitos primitivos e selvagens ou com seus “credos malévolos e desonrosos” (Bauman, p. 75), à mercê da arrogância e do preconceito das autoridades que comandam os campos para aonde eles são conduzidos. E além disso, na narrativa de Coetzee, Michael e os outros internos não estavam a salvo em Jakkalsdrif ou Kenilworth, os campos de realocação e de reabilitação, respectivamente, pois às vezes eram atacados pela própria polícia, vivenciando o terror dentro dos próprios campos (COETZEE, p. 106) onde supostamente deveriam estar seguros. Os guardas revelavam um ódio por eles que Michael jamais entendeu, em sua ingenuidade. Em algumas ocasiões Michael é chamado de idiota e recebe socos de um soldado (COETZEE, p. 142), ao que ele, manso como um cordeiro, não reage. Ele é um representante da resistência pacífica, não quer brigar. Era *“o último de sua espécie, uma criatura que ficou de uma era anterior”* (COETZEE, p. 176), segundo o médico do campo de reabilitação. Ele, evadindo-se da paz e da guerra, ocultando-se no terreno aberto onde ninguém pensaria em procurar, conseguiu viver à velha maneira, deslizando através do tempo, *“observando as estações, sem tentar mudar o rumo da história mais do que um grão de areia tentaria”* (COETZEE, p. 176). E tem consciência para perceber que não é um parasita, palavra que o capitão de polícia empregara para se referir aos internos: *“o campo de Jakkalsdrif era um ninho de parasitas dependendo de uma linda cidade ensolarada, devorando sua substância, sem dar nenhuma nutrição em troca”* (COETZEE, p. 135). No entanto, ao refletir sozinho, Michael *“pensava que já não era mais tão evidente quem era o hospedeiro, quem o parasita, o campo ou a cidade”* (COETZEE, p. 135). Pensava que os hospedeiros eram uma ínfima minoria ante os parasitas, *“os parasitas da preguiça e outros parasitas secretos do exército e da polícia, das escolas, fábricas e escritórios, os parasitas de coração”* (COETZEE, p. 135). Bauman diz que *“os ricos, os descuidados consumidores dos recursos mundiais”* são *“os verdadeiros parasitas, aproveitadores e oportunistas do planeta”* (BAUMAN, 58).

Bauman acrescenta que um dos efeitos mais sinistros da globalização é a desregulamentação das guerras. A população como um todo se vê num espaço

sem lei. Uma vez fora dos campos de batalha, os fugitivos são concentrados em outros campos. São os proscritos, os fora-da-lei que não sabem se essa condição é temporária ou permanente. Estão numa jornada que parece não ter fim, já que seu destino permanece incerto. Fora dos campos, são um obstáculo e um problema. Dentro deles, são esquecidos. As autoridades tomam todas as providências para garantir a permanência de sua exclusão: eles *“seriam definitivamente mantidos à distância por motivo de sua humanidade inferior, ou seja, de sua desumanização física e também moral”* (BAUMAN, p. 98). Uma vez refugiado, sempre refugiado. Era assim que Michael se sentia, mesmo na fazenda. Quanto mais se integrava à natureza, mais prescindia de coisas materiais. Criava e recriava seu universo naquela fazenda onde se exilara do mundo e da guerra.

Solidão em família

Michael K convive, desde pequeno, forçosamente, com a solidão. Ele pratica o exercício do silenciamento. A solidão é a escrita de sua vida, um palimpsesto eternamente reescrito com o mesmo tema. Helena diz que *“no mundo grego, todavia, como em Aristóteles, a solidão podia ser considerada também como uma anomalia, já que o homem era concebido como um ser social por excelência”* (HELENA, p. 67). No caso de Michael, ele não procurava a solidão, mas aparentemente ela sempre o encontrava. Não tinha amigos, parentes, mulheres, ninguém por ele. Certa ocasião, ele chega a chorar quando um homem paga um lanche para ele, tão acostumado que estava com o desrespeito e a desconsideração alheia.

A primeira lição de vida de Michael K foi o aprendizado do silêncio: como as crianças cochichavam a respeito do menino, que tinha lábio leporino, a mãe o levava para o trabalho, enquanto ele aprendia *“a ficar quieto”* (COETZEE, p. 10), vendo a mãe trabalhar como faxineira: *“Ano após ano, Michael K ficou sentado em cima de um cobertor vendo a mãe limpar o chão dos outros, aprendendo a ficar quieto”* (p. 10). Mais tarde, após rápida passagem pela escola, aprende a ser jardineiro e começa a trabalhar nesse ofício aos 15 anos. (COETZEE, p. 10). Rejeitado também pela mãe, que o achava *“tacanho”* (COETZEE, p. 14), acabou cuidando dela, cumprindo seu dever de filho. E ao cuidar da mãe descobria a razão pela qual fora posto no mundo: para cuidar dela (COETZEE, p. 13). O menino aprendera que a vida é dura para os pobres, mas, ainda assim, tinha amor pelo seu trabalho de jardineiro, às vezes nem parava de trabalhar quando terminava seu

turno, aos sábados, ao meio-dia (COETZEE, p. 10-11). Gostava desde cedo de mexer com a terra, só não queria ser empregado de ninguém (COETZEE, p. 73, 108, 115). Sentia-se preso nos campos de realocação (Jakkalsdrif), onde sofre humilhações, e não quer ficar lá. Embora as autoridades refiram-se ao local como “moradia”, os internos não podem fugir, e há guardas armados para vigiar o campo:

Campo é para gente sem emprego. É para todo mundo que vai de fazenda em fazenda mendigando serviço porque não tem o que comer, não tem um teto para se abrigar.

Se você pula a cerca, está saindo do seu local de moradia. (...)

Se você sai do seu local de moradia, eles te pegam, você é vagabundo (COETZEE, p. 92-93).

A solidão o faz viver num mundo só seu, como se vê nas palavras do médico, que afirma que Michael vive num mundo só dele: “*Não tenho certeza se vive inteiramente em nosso mundo*” (COETZEE, p. 152). Essa mesma solidão a que foi forçado a vivenciar, por sua vez, faz com que ele cultive o hábito de ser sozinho e o faz procurar o isolamento de tudo e de todos, a ponto de ser o alheamento uma de suas características marcantes:

Não sabia em que mês estava, embora acreditasse que era abril. Não mantivera registro dos dias, nem marcara as fases da lua. Não era um prisioneiro, nem um naufrago, sua vida no açude não era uma sentença a ser cumprida até o fim (COETZEE, p. 133).

Queria ser livre, mas acabava vivendo em suas prisões, afastado da terra de sua mãe e de sua avó, para aonde ansiava ir. Poderia ser um revoltado, ou adquirido uma maldade face ao que vivera, mas era apenas uma ovelha desgarrada à procura de seu lugar. Através desse alheamento em que vivia, sofreu também um processo de animalização ao longo da narrativa, escondendo-se numa toca para viver como um bicho que se protege de tudo e todos num buraco, como vemos em “*Tornara-se a tal ponto uma criatura da penumbra e da noite que a luz do dia lhe feria os olhos*” (COETZEE, p. 133-134). Quer viver em liberdade, mas se encolhe em um buraco, refletindo a precariedade de sua vida, o paradoxo que vive: só encontrava liberdade dentro de uma prisão. Está mesmo abdicando da condição humana, visto que como humano só teve experiências ruins.

Segundo Helena, “Rousseau pressupõe que a cultura estabelecida nega a natureza e que a civilização, longe de iluminar os homens, obscurece valores” (HELENA, p. 71). De fato, parece que o contato de Michael com a civilização não foi dos mais auspiciosos, ele só se sentia bem quando estava isolado de todos, na fazenda dos Visagie. Esse homem natural que vive do que a terra dá só está à procura da paz que nunca teve, visto que sempre “*havia alguém a lhe dizer o que fazer*” (COETZEE, p. 74) durante toda a sua vida. No campo de reabilitação, o médico costumava determinar quando ele devia dormir ou acordar, enfiava-lhe tubos no nariz e comprimidos na garganta, insistia incansavelmente para que comesse o que não conseguia comer. Incompreendido por todos, percebe que “*Talvez a verdade seja que é suficiente estar fora dos campos, fora de todos os campos ao mesmo tempo. Talvez sejam uma grande proeza nos tempos presentes*” (COETZEE, p. 188).

Michael K, em suas constantes andanças por seu país à procura da fazenda onde supostamente sua mãe havia nascido, vive o auto-exílio em sua terra natal, num processo de desterritorialização, em que a desfronterização geográfica se confunde com a confusão mental em que ele vive, sem pouso, sem paradeiro, numa busca que não tem fim. Um sentimento de inadequação perpassa a narrativa, na qual o buraco é usado como metáfora para sua vida:

Sempre que tentava se explicar para si mesmo, sobrava um espaço, um buraco, um escuro diante do qual seu entendimento empacava, no qual era inútil jogar palavras. As palavras eram devoradas, o buraco permanecia. Sua história tinha sempre um buraco: uma história errada, sempre errada (COETZEE, p. 128).

Esse processo de desterritorialização pelo qual ele passa faz dele um eterno caminhante, como o flaneur de Rousseau em *Devaneios do caminhante solitário* (HELENA, 71). Porém, ao contrário do flaneur, não usa suas caminhadas para um reflexão em torno do eu, pois na verdade tem necessidades prementes demais para suprir. Suas caminhadas são sempre a fuga constante das autoridades. Ele vive assim, numa ilha particular e esse insulamento não o faz questionar o mundo em busca do sentido das coisas, ele é apenas um homem simples, simplório mesmo, que se sente exilado em sua própria terra devido às conseqüências de uma guerra que não é sua e com a qual ele não quer nenhum envolvimento. Sua guerra

particular era outra, pelo alimento de cada dia, por um lugar para dormir.

O processo de animalização que sofre dá continuidade à idéia de uma vida subalterna, num rebaixamento de categoria: de homem para animal, como um bicho, que vive numa toca escura. Seu percurso de invisibilidade, de silêncio e de solidão continua, numa camuflagem que o distancia desse mundo:

Você é igual a um bicho-pau, Michaels, cuja única defesa contra um universo de predadores é a sua forma estranha. Você é como um bicho-pau que pousou, sabe Deus como, no meio de um grande pátio nu de concreto. Levanta as perninhas frágeis de palito uma de cada vez, olhando em volta, procurando alguma coisa onde se disfarçar, e não há nada. (COETZEE, p. 174).

E além disso, sofre também um processo de desidentificação, numa tentativa de apagamento de sua identidade que reforça o sentimento de desimportância que ele tem naquele mundo:

Ocorreu-lhe também que sua história era insignificante, que não valia a pena ser contada, cheia dos mesmos lapsos que não sabia preencher (COETZEE, p. 202).

Já na segunda página do livro, o narrador refere-se a ele como *Michael K, Michael e K*, causando também no leitor uma certa confusão a respeito de como o autor irá chamá-lo no decorrer do livro. Certamente intencional, Coetzee pretende fazer, talvez, de Michael, o representante de muitos de nós. Numa passagem posterior, o capitão Oosthuizen o chama de Michaels, com -s no final, a marca da pluralidade, podendo ser muitos, todos ou qualquer um dos indesejados, num apagamento de identidade (COETZEE, p. 144). Esse processo de desidentificação caracteriza as pessoas como despidas de todos os elementos que compõem suas identidades, e as coloca como seres sem lugar, sem função. Perder a identidade significa perder os meios sobre os quais assenta a existência social, ou seja, um conjunto de coisas comuns portadoras de significados, tornando essas criaturas pessoas à deriva e à espera, que não têm nada senão sua vida crua, cuja continuação depende da ajuda humanitária.

Em seu livro *A Solidão Tropical*, Helena, numa análise da obra de Alencar, fala da discriminação e do preconceito que Michael sofre na pele:

a sutil distinção entre os que podem ocupar os domínios e fundar cultura e civilização – os que atribuem valor de mercado, sem serem mercadorias – e aqueles que pertencem à terra são condenados ao silêncio, à exclusão, à solidão (HELENA, p.88).

Fala também sobre a metáfora da casa, que remete à idéia de pátria (HELENA, p. 99), fazendo-nos indagar se Michael seria mesmo um expatriado, já que não possuía uma casa para morar. Ora, como ser expatriado se nem possuímos uma pátria que nos acolha? Segundo Bauman, esses homens, à semelhança de Michael, são desprezados, considerados criaturas sem importância. Coetzee aparentemente tenta um resgate da pessoa humana através de seu relato.

Helena fala também da solidão em que o homem natural vive: *“o homem comum e mesmo a arraia miúda (...) não gozam da prerrogativa de integração, nem de igualdade...”* (...) *Todos eles, (...) aparecem à guisa de figurantes de um contrato que os ultrapassa e os desconsidera* (HELENA, p. 101 - 102).

A fragmentação do indivíduo

Em muitas partes da narrativa, Michael apresenta uma fragmentação de memória, talvez decorrente da subnutrição contínua que havia sofrido, do subsequente isolamento do mundo, das dificuldades que enfrentava nas constantes fugas para a fazenda em que sonhava viver, mas onde já havia sido descoberto anteriormente. Em várias ocasiões em que estava isolado, ou mesmo em companhia de outras pessoas, freqüentemente manifestava um sentimento de melancolia. Diz-lhe o médico:

Depois, ao observar você dia após dia, comecei lentamente a entender a verdade: que você estava chorando em segredo, sem que o seu eu consciente (desculpe o termo) percebesse... (COETZEE, p. 190).

Afirma Schlegel que *“o indivíduo é como que uma parte, um pedaço, fração, fratura ou fragmento de si mesmo”* (SCHLEGEL, p. 16). Coetzee diz, a respeito de Michael, que *“Todas suas recordações pareciam feitas de partes, não de inteiros”* (COETZEE, p. 56). Como não era *“bom com as palavras”* (COETZEE, p. 162),

Michael nunca contava sua história inteira (COETZEE, p. 202). Talvez precisasse apenas de alguém que o ouvisse. Michael se via como uma criança, sempre como objeto da caridade alheia. Ao lembrar de sua mãe, à morte, pareceu-lhe que ela ainda era uma criança, assim como ele ainda era uma criança: *“Eu venho de uma linhagem de crianças sem fim”* (COETZEE, p. 136).

O próprio uso de muitas denominações para chamar um mesmo personagem contribui para esta fragmentação, para uma não-definição ou falta de exatidão, para uma liquidez, como Bauman gosta muito de dizer, que reflete nossa época. Tudo vem aos pedaços, aos poucos, ficando a sensação que algo está sempre faltando, uma insatisfação constante, que causa mais dificuldades e problemas.

A dificuldade de comunicação de Michael, seu problema com as palavras deve-se, na verdade, ao exercício do silenciamento forçado. No entanto, paradoxalmente, aquele silêncio era feito de respostas, de falas interiores e pensamentos que povoavam sua cabeça, argumentos que sabia expor para si mesmo mais que para os outros. Negro (p. 84), lerdo da cabeça (p. 10), deformado (p. 10), Michael K tem tudo para ser um anti-herói, daqueles com quem ninguém se identifica:

Por causa da deformação, e porque não era rápido de cabeça, Michael foi tirado da escola depois de uma breve tentativa e entregue à proteção do Huis Norenus, em Faure, onde, às custas do estado, passou o resto da infância na companhia de outras crianças infelizes com afecções diversas, aprendendo os primeiros passos de ler, escrever, contar, varrer, esfregar, arrumar camas, lavar pratos, fazer cestos, trabalhar a madeira e cavar (p. 10).

No entanto, apesar de suas dificuldades, ele prossegue e persegue seu objetivo, que é chegar à fazenda. Em sua carta a Michael, o médico diz que ele é um artista da evasão e podemos também acrescentar que ele é também um artista da improvisação, vivendo com o que dá para viver, de uma maneira única e individual. Schlegel diz que *“só pode ser uma artista aquele que tem uma religião própria, uma visão original do infinito”* (SCHLEGEL, p. 146). Michael tem uma grande ligação com a natureza, ela é a sua crença, é sua religião. Gostava de dormir sob as estrelas. Na verdade, ele é um homem da natureza, não um ser da cultura. Por isso, na narrativa, vive em constante desassossego, inquieto, numa

errância mental e geográfica, um viajante solitário em uma África inóspita. Era um jardineiro, tinha o sonho de viver da terra, do que plantaria, se pudesse:

Isso é porque eu sou um jardineiro, porque é da minha natureza. (...) O impulso de plantar o despertou; em questão de semanas, viu sua vida fortemente ligada ao pedaço de terra que havia começado a cultivar e às sementes que havia plantado ali (COETZEE, p. 72).

Sou como uma minhoca... que também é uma espécie de jardineiro (p. 209).

O médico do campo de realocação acredita mesmo que só ele entende verdadeiramente a essência de Michael:

Só eu vejo você ... como uma alma humana acima e abaixo de classificação, uma alma abençoadamente intocada por doutrinas, intocada pela história, uma alma que bate as asas dentro desse rígido sarcófago, murmurando por trás dessa máscara de palhaço. Você é precioso, Michaels, do seu jeito; é o último de sua classe, uma criatura que sobrou de uma era anterior... (COETZEE, p. 176).

Ele acha que Michael *“deveria ter ficado a vida inteira pendurado numa moita igual às outras num canto tranqüilo de um jardim obscuro em um subúrbio sossegado, fazendo tudo o que faz um inseto desses para manter a vida”* (COETZEE, p. 174). Acha ainda que Michael deveria ter se livrado de sua mãe, pois ela era *“a própria encarnação da Mãe Morte”* (COETZEE, p. 174). O médico pensa a vida de Michael mais que o próprio Michael. E após muito refletir sobre a situação de Michael, chega à conclusão de que sua vida fora um erro:

Michael não devia nunca ter vindo para esse campo. Foi um erro. Na verdade, a vida dele foi um erro do começo ao fim. É uma coisa cruel de se dizer, mas vou dizer: ele é o tipo de sujeito que nunca devia ter nascido num mundo destes. Teria sido melhor se tivesse sido sufocado pela mãe quando ela viu o que ele era, e jogado na lata de lixo (COETZEE, p. 180).

O médico se importa com ele, talvez não apenas pela ética profissional ou por um sentimento de caridade ou mesmo por solidariedade humana, mas porque Michael o incomoda mesmo. Ele que alimentar Michael de qualquer jeito, não entende o porquê da rejeição à comida do campo. Analisando as razões pelas quais ele não queria se alimentar com a comida a ele oferecida, acha que ele só comeria outro tipo de alimento: “*Talvez só coma o pão da liberdade*” (COETZEE, p. 170). Por fim, acha que Michael traz algum sentido que ele talvez não esteja apreendendo: “*Michaels significa alguma coisa, e o sentido que ele tem não é restrito a mim*” (COETZEE, p. 191).

Considerações finais

Mais uma vez Coetzee nos surpreende: pensamos que ele está apenas narrando uma história, até nos enganamos com sua belíssima escrita sobre o relato de uma vida simples como a de Michael K, um homem de quem se conhece apenas o nome. Ele não tem sobrenome, o que nos dá o direito de supor que ele não tem família, não pertence a nenhum grupo de pessoas a quem chamar de parentes. Não possui entes queridos, é sozinho no mundo. Ele é o representante de muitos Michaels, de muitos homens em situações limítrofes, os desgarrados, os solitários, aqueles que não pertencem a lugar nenhum neste mundo. Por isso, chegamos à conclusão de que ele esteve o tempo todo falando da solidão, do sentimento de não pertencimento que acomete aqueles que vivem completamente sós e alheios à vida em sociedade, talvez não por sua própria escolha mas pelas circunstâncias de sua própria vida. Eles vivem e morrem assim: à deriva, errantes, eternos flaneurs pela vida. *Vida e época de Michael K* é um livro sobre a solidão humana. Ao final da narrativa, ele sonha com o retorno à fazenda novamente, a fazenda onde sua mãe havia nascido, a fazenda que sempre o chamava de volta, onde acreditava poder viver. A vida de Michael é uma epopéia, numa eterna busca por algum lugar que ele possa chamar de casa, em que ele enfrenta os obstáculos com o lirismo dos inocentes e a resistência dos bravos.

Michael K é o eterno retirante, num auto-exílio constante, é nosso Fabiano em sua dificuldade de se comunicar em sua própria língua, é nosso Severino em sua migração constante, é nossa Macabéa em sua ingenuidade.

Michael K é o próprio refugio humano, o dejetivo, aquele que ninguém quer. Representa as vozes silenciadas, as vidas desperdiçadas de tantos homens, os que não têm paradeiro, aqueles que vivem marginalizados, como seres humanos

abaixo de qualquer classificação, que perecem na obscuridade, enterrados em covas anônimas e de quem ninguém se lembrará um dia e, no entanto, só o que querem é parar em algum lugar, procuram um pouso, um oásis para descansar. E Coetzee, ao dar-lhe voz, faz falar os solitários, os indesejados, os sem-ninguém, os sem-nada, que têm tanto valor como qualquer ser humano sobre esta terra.

Helena se pergunta “*como pode um brasileiro viver consigo mesmo*” em face ao “*autoritarismo que tem se repetido com tanta avidez e eficiência*” (HELENA, p. 15) e essa mesma inquietação nos incomoda, em relação aos sul-africanos, pois ao lermos *Vida e época de Michael K*, em que a África do Sul é o cenário dominado pela guerra, uma guerra cruel como todas as guerras, com todas as suas terríveis conseqüências, sentimo-nos violentados por tudo o que Michael vivencia, com a sensação de impotência e uma pergunta martela nossas consciências: podemos fazer algo? O que podemos fazer? Fechar os olhos para não ver as atrocidades ao nosso redor? Vivemos, parafraseando Platão (HELENA, p. 22) “*a zona do espanto*”. E parafraseando Helena, “*hoje também nos espantamos. Na verdade, vivemos espantados*” (HELENA, p. 22). E continuamos vivendo, escondidos em nossa solidão.



Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

COETZEE, John Maxuel. *Vida e época de Michael K*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HELENA, Lucia. *A solidão tropical: o Brasil de Alencar e da Modernidade*. Porto Alegre: EdPUCRS, 2006.

SCHLEGEL, Friedrich. *O dialeto dos fragmentos*. Tradução, apresentação e notas: Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997.